

AFONSO, Sônia (1)  
LANER, Márcia Regina E. (2)  
VALLE, Ângela do. (3)

- (1) Arquiteta, Profª. Drª. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo- PósARQ/UFSC – e-mail: [nappi@arg.ufsc.br](mailto:nappi@arg.ufsc.br)  
(2) Conservadora-Restauradora, Mestranda em Arquitetura - PósARQ/UFSC – e-mail: [marcialaner@gmail.com](mailto:marcialaner@gmail.com)  
(3) Engenheira Civil, Profª. Drª. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo- PósARQ/UFSC – e-mail: [angeladovalle@ecv.ufsc.br](mailto:angeladovalle@ecv.ufsc.br)

*Da Póvoa de Nossa Senhora do Desterro à Florianópolis  
do século XX:  
Uma síntese da evolução do tecido urbano na área  
central.*

Foto de floriap

Florianópolis, outubro de 2006.

---

## CAPÍTULO 4

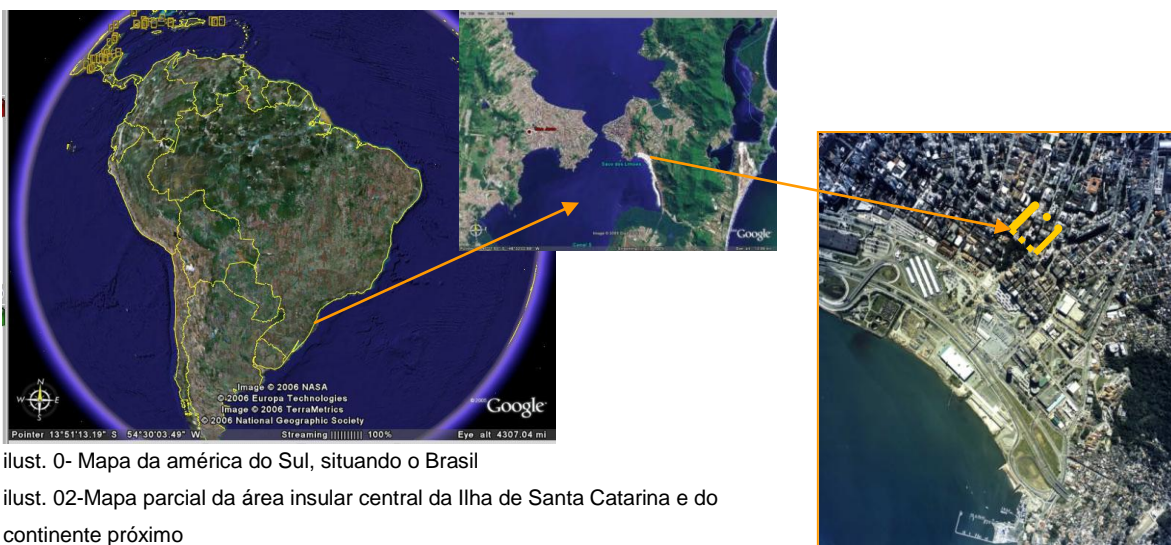
### EVOLUÇÃO DO TECIDO URBANO NO ENTORNO DA CATEDRAL

#### 4.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

##### 4.1.1 - INTRODUÇÃO

Com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a Ilha de Santa Catarina se situa entre as latitudes 27°25' e 27°50', na direção geral NE/SW.

Na ilustração abaixo vemos a localização geográfica da Ilha de Santa Catarina, com detalhes da área central e o continente próximo, e no destaque onde situa-se a Catedral Metropolitana de Florianópolis.



ilust. 0- Mapa da América do Sul, situando o Brasil

ilust. 02-Mapa parcial da área insular central da Ilha de Santa Catarina e do continente próximo

ilust. —área central da Ilha de Santa Catarina, no destaque área nas proximidades da Catedral Metropolitana de Florianópolis

Fonte: Google Earth: 2005 National Geographic Society

As ilustrações mostram a localização geográfica do objeto em estudo. O município de Florianópolis (parte insular - Ilha de Santa Catarina e parte continental - os bairros) tem a área territorial aproximada de 423 km<sup>2</sup>. É a capital do Estado de Santa Catarina, que localiza-se na região sul do Brasil. A Catedral Metropolitana de Florianópolis localiza-se na área central do município de Florianópolis, no sentido Norte - Sul, tendo

à sua frente a Praça XV de Novembro. Sendo exatamente o local do início da póvoa de Nossa Senhora do Desterro no século XVII, hoje Florianópolis.

#### 4.1.2 - A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

Desterro nasceu na área onde se situa a Catedral, no momento em que Dias Velho ali construiu a primeira capelinha assim sendo ela é considerada o marco zero de Florianópolis, mas com que objetivo este foi escolhido como um ponto estratégico de colonização, o motivo mais expressivo para a colonização no século XVII foi



[...] a posição de Florianópolis na Ilha de Santa Catarina distingue-se por se situar entre as duas maiores cidades litorâneas da face atlântica da América do Sul - Rio de Janeiro e Buenos Aires. No Século XVII, essa localização salientava-se por ficar na metade da distância entre Rio de Janeiro e o estuário do Prata, e ser Santa Catarina e a maior ilha nessa direção. A situação geográfica entre os dois centros atlânticos dos impérios rivais- Portugal e Espanha- tornou-se fundamental para a povoação de Dias Velho. (PELUSO, 1991, p.313).

Ilust. Demonstra a posição da Ilha de Santa Catarina, na rota das navegações entre o Rio de Janeiro - Brasil e Buenos Aires - Argentina  
Fonte; PELUSO, 1991 p.350

A criação da capitania da ilha de Santa Catarina não teve por fundamento a importância da sua economia. Paulo José Miguel de Brito (1932. apud PERUSO, 1991) assim a explicou em 1816:

A vantajosa posição geográfica da ilha de Santa Catarina, o seu excelente porto, muito freqüentado pelos navios que iam da Europa para o rio da Prata e o mar Pacífico, e outras razões políticas determinaram enfim o Senhor D. João V, em 1738, a formar com a ilha e a terra firme adjacente uma capitania ou governo separado independente de São Paulo, a que havia pertencido até aquela época.

As duas descrições de Saint-Hilaire em 1798 abaixo relatam à configuração geográfica de Desterro, “[...] desde que eu chegara ao Brasil ainda não tinha visto uma região tão aprazível quanto a que inclui a cidade de Santa Catarina, ou Desterro, e

seus arredores. O porto situado a igual distância das duas extremidades da ilha, é quase semicircular” (p.169).

Estende-se do noroeste ao sudeste, e a cidade acompanha os contornos do litoral. Defronte dela o canal parece formar uma baía quase circular. De todos os lados é orlado de colinas e pequenos morros de formatos variados, os quais, dispostos em vários planos, apresentam uma encantadora mistura de cores brilhantes e vaporosas. A ponta de terra que limita o porto do lado sul é coberta de matas de um verde bastante escuro; mais ao longe ficam alguns morros cujas encostas são cultivadas e cujos cumes são coroados de matas. Do lado oposto, ao norte, a Ponta de São João, que é pouco elevada e em parte coberta de relva, ajuda a alegrar a paisagem; bem defronte da cidade alguns morros são entrevistados ao longe, através de bruma, e na direção do sul vêem-se outros ainda mais distantes. O azul do céu não é tão profundo nem tão luminoso quanto o do Rio de Janeiro, mas é igualmente puro e se matiza com os tons acinzentados dos morros que limitam ao longe o horizonte. Os morros não são suficientemente altos nem o canal bastante largo para dar imponência à paisagem; a Natureza não exhibe ali a pompa de que ela às vezes se reveste nos trópicos; é bela e risonha como no Sul da Europa, na Ilha da Madeira ou em Lisboa. A cidade de Santa Catarina, também chamada de desterro, é muito comprida mas de pouca largura ( p. 170).

Peluso reafirma que a fundação da Villa de Nossa senhora do Desterro tem o porto como elemento principal,

O porto foi o elemento de formação de Nossa Senhora do Desterro. A baía Sul, entre a lha da Santa Catarina e o continente, oferecia abrigo às embarcações, constituindo o porto que Francisco Dias Velho utilizou para chegar ao sítio que escolhera, e com o qual contava para manter relações com a comunidade de que se destacara para lançar as bases da sua fundação. (PERUSO, 1991, p. 312).

## **4.2 ANÁLISE DA EVOLUÇÃO URBANA NO ENTORNO DA EDIFICAÇÃO**

**A fundação da Villa de Nossa Senhora do Desterro nasceu com;**

**[...] a chegada do bandeirante paulista Francisco Dias Velho, provavelmente no ano de 1673, representa o início da fase de consolidação do ascendente império português, que se consagraria na região com elevação ao *status* de Vila de Nossa Senhora do Desterro, em 23 de março de 1726, e com o**

estabelecimento da sede da Capitania de Santa Catarina, na Ilha do mesmo nome, em 11 de agosto de 1738. (BASTOS, 2004, p.79).

O esboço histórico sobre a origem da capitania da Ilha de Santa Catarina evidenciou que na iniciativa do governo português houve considerações de ordem militar. Ocorreu,

[...] certamente, interesse econômico na fundação da Colônia do Sacramento, por motivos próprios da região platina, mas nenhum objetivo dessa ordem se relacionou, diretamente, com o litoral catarinense. Assim, a vila de Nossa Senhora do Desterro passou a depender de medidas governamentais. (VEIGA, 1993, p.35).

A ilustração abaixo, através da interpretação do artista Aldo Beck, através de relatos ou registros da época, como seria a provável configuração inicial da área central de Florianópolis nos séculos XVI e XVII.



**Título: "Início de Florianópolis"**  
**Pintura de Aldo Beck**  
**Técnica: aquarela s/ papel**  
**Fonte: acervo do artista**

Em 1540, o rei da Espanha concedeu o governo da ilha de Santa Catarina à Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (BOITEUX, 1959, apud PELUSO, 1991, p. 314).

“A povoação, fundada em 1673, tornou-se simples agrupamento de pescadores após a morte do seu fundador” (PAULI, 1973).

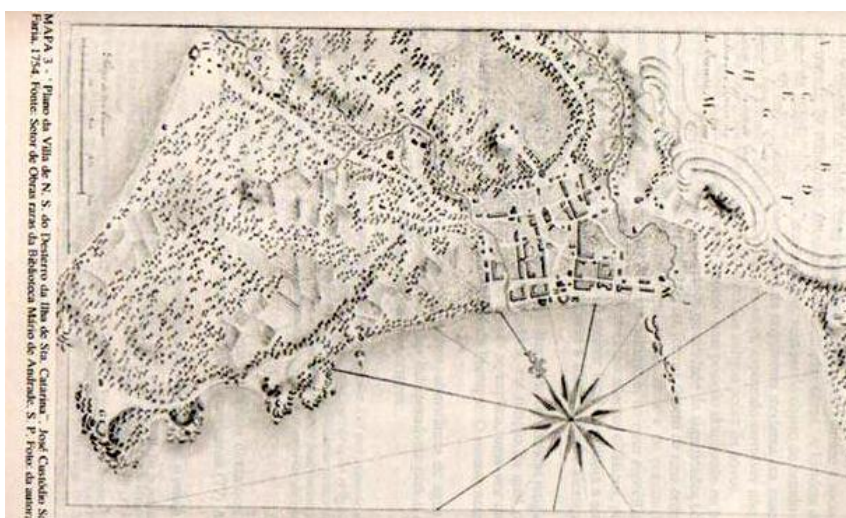
Desterro, cidade marítima e comercial, não se mantém deserta como as cidades do interior. À época de minha viagem havia normalmente uma dúzia de embarcações de pequeno porte tanto no seu porto quanto em Santa Cruz, e o canal era animado pelo constante tráfego de canoas que, principalmente de manhã, traziam víveres para a cidade. (SAINT-HILAIRE, 1978, p. 172).

Em 1679 Francisco Dias Velho requereu o título legal das terras. Providenciou então a ereção de uma Igreja em honra a Nossa Senhora do Desterro. Alguns historiadores dizem ter sido o próprio Dias Velho quem mandou edificar a dita Capela, para outros, o que é mais provável, na sua chegada a dita Capela já existia,

pois, um Livro Tombo do Arquivo da Ordem Terceira de São Francisco diz que a primeira Igreja que teve a Ilha, foi construída no centro da atual Praça XV de novembro, no ano de 1651 (fonte: <http://cat.arquifloripa.org.br/história>).

Antes da criação da Paróquia, Padres Jesuítas, Franciscanos e Carmelitas prestaram assistência religiosa aos moradores da Ilha.

Villa de Nossa Senhora do Desterro, pequeno povoado de pescadores, foi elevado, em 1738, à função de capital da capitania da ilha de Santa Catarina. A investidura deu-lhe os elementos essenciais de núcleo urbano, que marcaram o início da cidade. O Brigadeiro Silva Paes, “com os empregados que trouxe do rio organizou as repartições civis e com a tropa que se encontrava na ilha e a guarnição militar que trouxe com ele, criou um batalhão de artilheiros-fuzileiros” (BOITEUX, 1912). Este pessoal, juntamente com os pescadores existentes e algumas famílias que acompanharam a primeira guarnição da ilha constituíam toda população da Villa. “As autoridades e os militares recebiam ordenados e soldos, e com a imigração açoriana constituiu-se o comércio regular com base na produção agrícola da ilha e continente imediato” (PELUSO, 1991, p. 341).

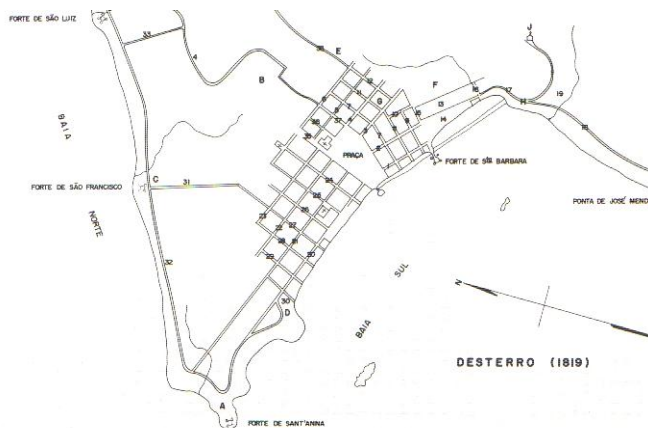


Ilust. -Plano da Villa de N. S. do Desterro da Ilha de S. Catherina. Ano: 1754.  
Autor: José Custódio de Sá e Faria  
Acervo –Setor de Obras Raras da Biblioteca Mario de Andrade- São Paulo  
Fonte: VEIGA, 1993, p. 47

O porto foi o elemento de formação de Nossa Senhora do Desterro. A baía Sul, entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, oferecia abrigo às embarcações, constituindo o porto que Francisco Dias Velho utilizou para chegar ao sítio que escolhera, e com o qual contava para manter relações com a comunidade de que se destacara para lançar as bases da sua fundação. (PELUSO, 1991, p. 312).

Desterro foi elevada à categoria de cidade com a declaração da independência do Brasil (07/setembro/1822) “[...] Nesta ocasião Desterro foi dotada de perímetro urbano,

cuja evolução obedeceu a interesses fiscais, não refletindo a expansão do aglomerado urbano” (PELUSO,1991, p. 316).



Ilust. Planta da Cidade de Desterro-1819  
 Fonte: CABRAL, 1979, p.129

No século XVII, a planta do patrimônio da Câmara do Desterro, levantada em 1823, nas ilustrações a seguir, mostra o traçado básico da cidade.

A praça central foi localizada no centro da costa da enseada, onde a curva da orla marítima é mais acentuada, e como firmaram os dois lados perpendiculares à linha da praia, resultou daí figura irregular, com um deles em rumo nordeste mais forte que o outro; a igreja, que dela ocupa a face principal, ficou perto de um dos lados, influenciando todo o traçado norte próximo à colina em que foi construída. (PELUSO, 1991, p. 316).



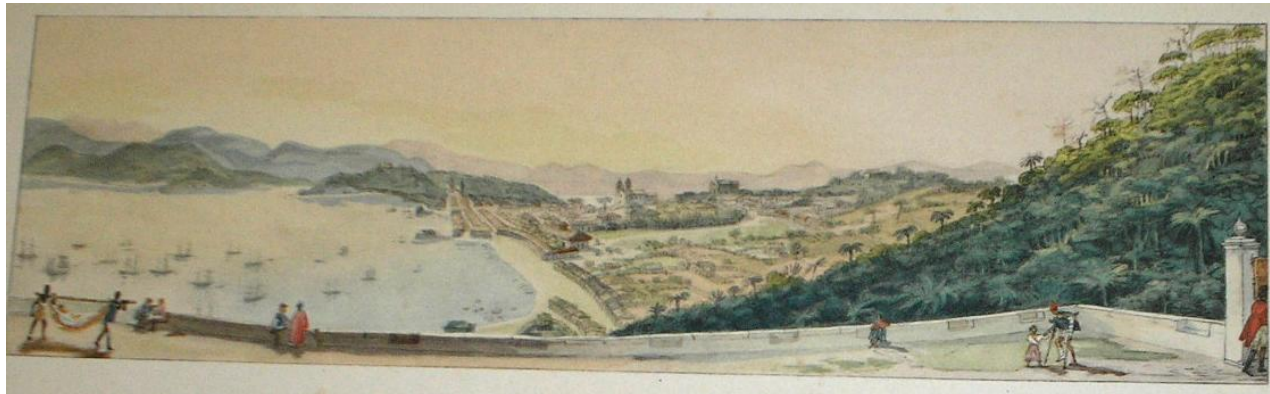
Ilust. Planta da Cidade de Desterro-1823  
 Desenho: tenente Coelho Peniche  
 Fonte: Peluso, 1991, p.359



Posição da Catedral em relação ao traçado e ao relevo  
 Fonte: Peluso, 1991, p.359

“Os eixos longitudinais, que se formaram a partir da Praça XV de Novembro, são retilíneos, predominantemente em grande xadrez e paralelos à borda da praia e os cais [...]” (BASTOS, 2004, p.89).

A ilustração abaixo feita por Debret revela uma Desterro do século XIX.



Ilust. Vista da Villa de N. S. do Desterro da Ilha de Saint Catherina. Prancha nº70  
Autor : Jean Baptista Debret- ' Voyage Pittoresque et Historique au Brésil'  
Editado por: Firmin Didot Frères -1834  
Acervo – Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina – Florianópolis

Saint-Hilaire descreve assim a praça e o posicionamento da igreja no séc. XVII:

A cidade é dividida em duas partes desiguais por uma grande praça, que ocupa quase toda a sua largura e vai em declive suave até a beira da água. A praça é retangular e coberta por uma fina relva, medindo aproximadamente noventa passos de largura por trezentos de comprimento desde a beira d'água até a igreja paroquial, onde termina.  
(SAINT-HILAIRE, 1978, p. 170).

Através da aquarela de Victor Meirelles (circa 1846) se vislumbra o panorama descrito por Saint-Hilaire .



Ilust. Vista do Desterro, atual Florianópolis (circa 1846)  
Autor: Victor Meirelles de Lima  
Técnica: aquarela s/ papel ( 36,4 X 61,8 cm)  
Obra doada pela família Almirante Lucas Boiteux, em 1970  
Fotógrafo Eduardo Marques  
Acervo – Museu Victor Meirelles – Florianópolis



**Veiga no seu texto “Ocupação urbana e paisagem” assim define a configuração desta época:**

A partir dessa praça, as ruas foram se delineando, procurando adotar um traçado ortogonal e acompanhando as marinhas, seguindo o rumo das fontes d’água e dos primeiros estabelecimentos oficiais e religiosos, especialmente, fortificações e quartéis. A estrutura fundamental do núcleo urbano foi condicionada, também, pelas atividades de pesca e de agricultura de subsistência, desenvolvendo-se uma ocupação tipicamente linear, junto á praia, por onde se dava a comunicação principal com as freguesias da época, tanto na Ilha como no continente fronteiro. Posteriormente, o desvio e a canalização dos córregos do centro urbano, os terraplenos centrais e os aterros á beira-mar viriam alterar ainda mais a paisagem da pequena cidade. (p. 95).

Esses eixos, que inicialmente se orientam inicialmente em busca das fontes de água, desenvolveram-se definitivamente a partir dos antigos caminhos que ligavam a vila ao sistema defensivo e aos núcleos rurais da Ilha de Santa Catarina. Essa área envoltória do núcleo urbano central apresentava vazios urbanos por causa das chácaras ali existentes. Tal formação resultou na atual dispersão e mescla arquitetônica do patrimônio, pois, à medida que as glebas foram sendo desmembradas ou loteadas, aos poucos os interstícios foram preenchidos com uma tipologia arquitetônica de épocas mais recentes. (BASTOS, 2004, p.91).

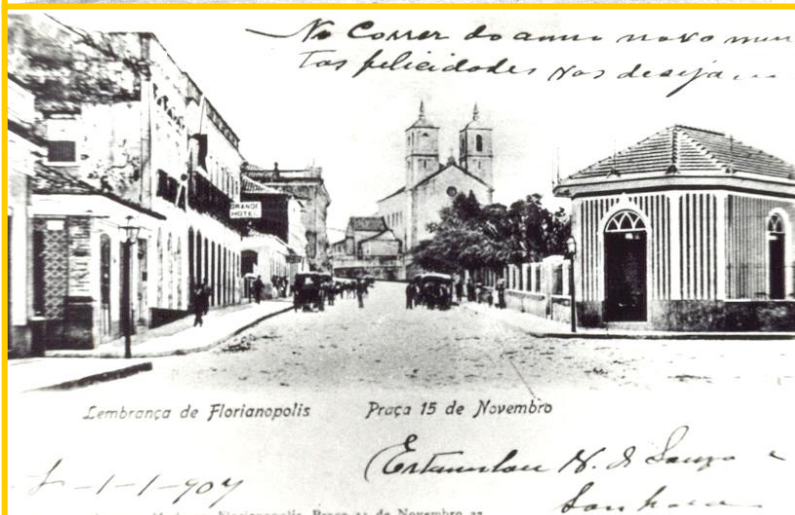
“A nova capitania era despovoada, e para sanar a deficiência, Portugal incentivou a imigração de açorianos e madeirenses em Santa Catarina. De 1748 a 1756 chegaram os imigrantes, que se espalharam pela ilha e litoral do continente” (Cabral, 1968).

**No texto “Análise histórico – cultural do município de Florianópolis” de Eliane Veras Veiga, faz uma sinopse da imigração açoriana no litoral catarinense:**

[...] dos 500 quilômetros de litoral catarinense ocorreu, a partir de 1748, o desenvolvimento de uma cultura típica, originária do Arquipélago dos Açores, em Portugal. Aproximadamente 6.000 açorianos e meia centena de madeirenses chegaram à Ilha de Santa Catarina entre 1748 e 1756, representando significativo impacto demográfico, pois nessa época , a Ilha possuía uma população que não ultrapassava 500 indivíduos. Esses

povoadores, ainda que descendentes de portugueses continentais, quando vieram para o Sul do Brasil, em meados do Século XVIII, já haviam desenvolvido naquele arquipélago, ao longo de mais de 200 anos de história, uma evolução sócio demográfica e cultural, distinta da cultura portuguesa continental em muitos aspectos. Os açorianos, que contribuíram definitivamente, até pelo significativo contingente numérico, para a definição de um quadro cultural, cujas características ainda são predominantes em Florianópolis, constituíram-se uma força cultivadora da tradição e assentadora de hábitos e costumes que representam a herança de uma síntese cultural proveniente das Europa Medieval. as últimas décadas do século XX, por diversos fatores, assistiu-se a um processo acelerado de transformação dos padrões culturais ao longo de todo o litoral catarinense. Tais transformações produziram um distanciamento progressivo dos descendentes açorianos (que representam as 7ª e 8ª gerações daqueles povoadores) de sua cultura de origem. Os açorianos - influenciou as feições dos padrões sócio culturais, como, por exemplo, na religiosidade, nas cantorias, danças, folguedos mitologia, lendas e crendices. (BASTOS, 2004, p.80).

Como afirma Peluso e comparando as duas imagens que se seguem, em quase uma década não apresentou mudanças estruturais.



A imigração açoriana, de 1748 a 1756, completou a formação dos elementos essenciais à constituição da cidade. [...] depois da imigração açoriana, não houve outro surto colonizador na ilha [...]. O Século XX foi percorrido até 1926 sem modificações na estrutura da cidade de Florianópolis, em 1894 o nome da cidade deixou de ser Desterro. (PELUSO, 1991, p.341 e 329).

Ilust. Área central de Florianópolis 1896  
Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental

**Ilust. Área central de Florianópolis 1904**  
**Fonte: Casa da Memória - Acervo Documental**

Para Veiga (1993, p.359), “o crescimento urbano foi lento, pouco contínuo, e que ao final do séc. XIX e início do séc. XX a cidade pouco se expandiu, mas certamente se adensou. As manifestações culturais tradicionais e as paisagens culturais mantiveram-se bastante preservadas no centro da cidade até os anos 20 (1920)”.

**Ilust. Vista de Florianópolis do alto do Morro da Cruz -1920**  
**Fonte: Casa da Memória - Acervo Documental**



Florianópolis se apresentava desta maneira em 1920, iniciando um processo de modificação urbana com a construção da ponte Hercílio Luz facilitando o acesso viário. “Em 1926, a ligação da Ilha com o continente através da ponte pênsil Governador Hercílio Luz produziu outra transformação no quadro urbano, incentivando o uso do automóvel e impulsionando o intercâmbio econômico e administrativo entre a capital e o interior do estado” (VEIGA, 1993).



**Ilust. Ponte Hercílio Luz 1926**

[...] até então as novidades trazidas pelo porto de Desterro, a partir de 1926, o acesso facilitado ao continente pela ponte Hercílio Luz, foram, pouco a pouco, tirando a capital do isolamento e provocando mudanças. Já no interior da Ilha, os hábitos e costumes permaneceram praticamente inalterados até os anos 60 do séc. XX. (Bastos, 2004, p. 84).

Fonte: Casa da Memória - Acervo Documental

No texto de Eliane Veras Veiga, “Ocupação Humana e Paisagem” (Bastos, 2004, p. 95). “Na Florianópolis que foi de 1894 até os anos 30, cidade comercial baseada no porto, definiam-se claramente áreas habitacionais da classe média, do operariado e da elite, áreas das chácaras, dos edifícios mistos do comércio, complexos fabris e estruturas assistencialistas, institucionais e religiosas”.



Ilust. Vista da área central de Florianópolis 1930

Fonte: Casa da Memória - Acervo Documental



Ilust. Área central de Florianópolis Praça XV e Catedral 1930

Fonte: Casa da Memória - Acervo Documental



Ilust. Área central de Florianópolis década de 1940  
Fonte: Casa da Memória -

Na continuação de

trechos do texto da Eliane: “Na segunda metade do séc. XX, com os novos aterros e a construção das Pontes Governador Colombo Salles e Governador Pedro Ivo Campos, a paisagem da capital transformou-se: cambiaram a própria dinâmica urbana e o comportamento do Florianopolitano”.

Ilust. Área central de Florianópolis em 1968

Fonte: Casa da Memória - Acervo Documental





Ilust. Área central de Florianópolis, 28 /agosto/1944  
Fonte: Casa da Memória - Acervo Documental

Como vemos ao lado, “[...] a instalação de energia elétrica, em 1912, impulsionou o desenvolvimento local; as primeiras ruas foram

efetivamente estabelecidas na segunda metade da década de 20 e também construídas as primeiras casas de veraneio” (VEIGA, 1993).

**“Os vazios urbanos se restringem às praças e às áreas de circulação pública, que são definidas pelas edificações implantadas junto à calçada. Há a presença de edificações remanescentes do século XIX relacionada à atividade religiosa e cultural [...]” (BASTOS, 2004, p.91).**

“O notável aumento da população de Florianópolis, no período 1950-1960 processou-se principalmente dentro do perímetro da Capital” “[...] a capital começou a ser dotada de edifícios de oito andares e mais, conforme os gabaritos aprovados pela Prefeitura Municipal [...]” (PELUSO,1991, p.319).

José Rodrigues da Rocha e Amilton Vergara de Souza elaboram uma síntese, abaixo descrita, sobre o Plano Diretor de Florianópolis (Bastos, 2004, p. 115).

O Planejamento urbano de Florianópolis teve três períodos históricos importantes:

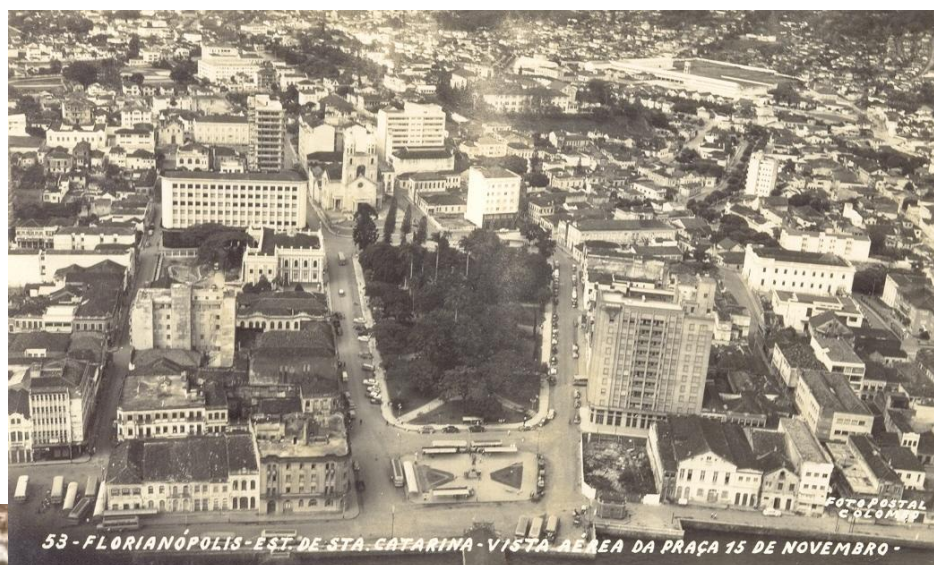
- I. Iniciando no ano de 1952 - Código Municipal de Florianópolis, administração Prefeito Paulo Fontes;
- II. 1969 - Plano de Desenvolvimento Integrado da Região da Grande Florianópolis;
- III. 1977 - Plano Diretor de Florianópolis, criação do IPUF, administração Prefeito Esperidião Amin.

O conhecimento de cada um desses planos e seus períodos de abrangência é importante para a compreensão do nível de desenvolvimento alcançado por Florianópolis, considerado atualmente um dos municípios brasileiros de melhor qualidade de vida. Seguem abaixo a relação resumida dos planos e seus períodos:

## A) Período Anterior ao IPUF ( de 1952 a 1977)

1) **Código Municipal de Florianópolis (1955)** - elaborado pelos urbanistas Evaldo Paiva, Edgar Gräef e Demétrio Ribeiro, foi o primeiro plano diretor de Florianópolis, foi aprovado pela Câmara Municipal de Vereadores pela Lei nº. 246/55. Esta lei colocou o município dentre os primeiros no Brasil a regulamentar o uso e a ocupação do solo através de normas urbanísticas, edificações, de posturas, de publicidade, de usos e costumes.

Ilust. Área central de Florianópolis - 1953/ 54/ 56  
Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental  
Autor: foto Postal Colombo



**2) Plano de Desenvolvimento Integrado da Região da Grande Florianópolis (1969)** - feito pelo Escritório Catarinense de Planejamento (ESPLAN), coordenado pelo arquiteto Luiz Felipe da Gama Lobo D'Eça, este plano foi elaborado com uma visão de planejamento metropolitano e grandioso da Capital, visando contrapor-se à polarização exercida por Porto Alegre e Curitiba. Embora contivesse uma série de diretrizes sobre a ordenação espacial a região da Grande Florianópolis, tais medidas não foram instituídas por lei estadual ou municipal. Dentre as principais destacam-se:

- Implantação de uma nova rede viária hierarquizada em toda a região conurbada;
- Criação de um novo centro urbano para Florianópolis, através da urbanização de alta densidade e gabarito elevado no Aterro da Baía Sul, atual Parque Metropolitano Dias Velho;
- Criação de um setor Turístico Oceânico na costa leste da Ilha, com urbanização de alta densidade, elevados gabaritos, e vias parque, incluindo um canal de navegação entre a Lagoa da Conceição e a Baía Sul;
- Aterro do saco dos Limões para implantação da Via Expressa Sul e implantação de estruturas urbanas de alta densidade e elevado gabarito;
- Estruturação de setores industriais ao longo da BR 101, na área continental nos municípios de São José, Palhoça e Biguaçu;
- Declaração de interesse Turístico de todos os balneários da costa leste da Ilha;
- Incentivo a hotéis de alta categoria em pontos estratégicos da orla;
- O adensamento habitacional condicionado à implantação de infra-estrutura de saneamento básico completa.



**Ilust. Mapa do Plano Metropolitano- 1967**  
**Autor: arquiteto Luiz Felipe da Gama Lobo**  
**D'Eça**

**3) Plano de Diretor de Florianópolis (1976)** - Plano Piloto elaborado pelo Escritório Catarinense de Planejamento (ESPLAN) e aprovado pela Câmara Municipal de Vereadores pela Lei nº. 1440/76, consubstanciado as diretrizes do plano metropolitano ao nível municipal; principais propostas:

- Criação de um Órgão Municipal de Planejamento, para gerir permanentemente o processo de planejamento – futuramente criado esse órgão, o IPUF ( criado pela Lei 1494/77);
- Estruturação Urbana da Capital como pólo da Região Metropolitana, sede da administração públicas estadual e principal centro de negócios, serviços e turismo do Estado, através de um significativo adensamento habitacional de classe média alta nas áreas centrais Insular e Continental, e da caracterização dos município continentais como centros de apoio a Capital, concentrando indústrias e populações trabalhadoras;
- Novo Centro Urbano de alta densidade do Aterro da Baía Sul, o resultado mais acentuado desta proposta foi o incremento de edifícios comerciais e residenciais de 12 pavimentos com elevados índices urbanísticos, que levaram paulatinamente e progressivamente à descaracterização do perfil do Centro Histórico de Florianópolis;
- Estruturação de uma rede de vias hierarquizadas (arteriais, principais e coletoras), para dar a capital uma nova configuração urbana de MetrÓpole;
- Fortemente marcada pelos aterros da Baía Sul, Baía Norte e Saco dos Limões, essa estrutura incluída as Pontes Colombo Salles e Pedro Ivo, a Via Expressa de ligação de BR 101 à Costa Leste, as Avenidas Beira-mar Norte e Sul, um anel de Rodovias Estaduais (SC 401, SC 402, SC 403, SC 404, SC 405 e SC 406) contornando toda a Ilha.

**4) Diretrizes de Uso do Solo para o Aglomerado Urbano de Florianópolis (1976)** – elaborado através do Convênio IPEA/ CNDU/ Estado de SC/ AUF, com o objetivo de estabelecer um modelo de uso do solo para o conjunto dos oito municípios do AUF (Florianópolis, Biguaçu, São José, Palhoça, Gov. Celso Ramos, Antônio Carlos, águas Mornas e Santo Amaro da Imperatriz). Trabalho elaborado antes da fundação do IPuF, pela equipe técnica do Plano Diretor da Secretaria de Obras, e que norteou as atividades do futuro Instituto por muitos anos. As principais diretrizes definidas nesse trabalho foram:

- Desenvolver um modelo de ocupação do solo do AUF; em que se destaque a preservação da qualidade ambiental;



- Assegurar um processo de planejamento contínuo, realizando avaliações, pesquisas e proposições;
- Manter preponderantemente soluções que visem à melhoria de qualidade de vida urbana.

#### B) Período IPUF (a partir de 1977)

**O Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF, foi criado em 1977, pelo Prefeito Esperidião Amim Helou Filho, e instituído pela Lei nº. 1494/77, dando início a um processo permanente de planejamento urbano no Município e por Convênio com os oito municípios do Aglomerado Urbano de Florianópolis – AUF. Os planos são:**

- 1) Planos Diretores de São José, Palhoça e Biguaçu (1980);
- 2) Plano de Desenvolvimento Turístico do AUF (1981);
- 3) Plano Diretor da Trindade (1982);
- 4) Plano Diretor dos Balneários e Interior da Ilha (1985) – Praia Brava (1984); Jurerê Internacional (1986); Praia Mole (1990); Barra da Lagoa (1992); Retiro da Lagoa (1992); Santinho/ Ingleses Sul (1999);
- 5) Plano Específico do Parque Tecnológico do Campeche (1992);
- 6) Plano Diretor do Distrito Sede (1997);
- 7) Plano de Desenvolvimento Integrado da Planície Entremares- PDPE (1992);
- 8) Plano de Rezoneamento da Planície Entremares (1998);
- 9) Plano de Desenvolvimento Integrado de Santo Antônio de Lisboa (2004);
- 10) Atualização do Plano de Diretor do Distrito do Pântano do Sul (2004).

**Estes Planos Diretores determinaram as diretrizes de crescimento e ocupação do solo em Florianópolis e na Grande Florianópolis, mas não conseguiram prever toda a expansão demográfica e a ocupação desordenada nas áreas de encostas e de preservação, além de criar bolsões de miséria.**



Ilust. Área central de Florianópolis - junho de 1966  
Fonte: Casa da Memória-

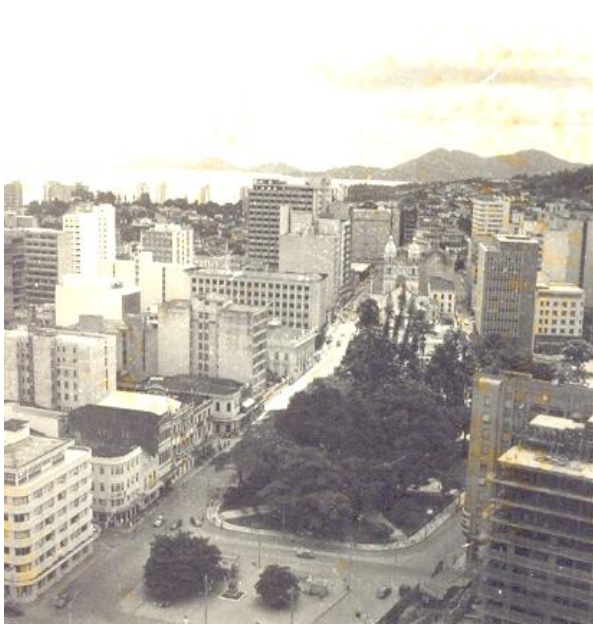
“Nos anos 60, a melhoria progressiva das condições das estradas para o interior da Ilha tirou muitas localidades do isolamento e facilitou o contato com a maneira de viver urbana”. A manutenção do patrimônio preservado é, também, consequência da gradativa diminuição da importância do porto, pois assim se impediram transformações substanciais em áreas históricas vinculadas a essa forma de produção. (BASTOS, 2004, p.92)



Ilust. Área central de Florianópolis vista da Torre da Catedral - década de 1970  
Fonte: Casa da Memória - Acervo Documental

“A partir dos anos 70, o atrativo

representado pelas zonas balneárias, acelerou ainda mais as mudanças, ainda com o aporte de novos afluxos populacionais, atraídos pela instalação de Universidades e empresas, como a Eletrosul e a Telesc”. (Bastos,2004, p. 84)



O antigo porto, conexão vital da cidade com o mundo até o início do século XX, aos poucos perdeu a importância. Foi aterrado na década de 1970 para possibilitar a conexão terrestre através das novas pontes de ligação do continente à Ilha de Santa Catarina. Iniciava-se a implantação de propostas do Plano de desenvolvimento Integrado da Área Metropolitana de Florianópolis, caracteriza-se pelo incremento do sistema viário, que vem induzir e impulsionar a expansão urbana. (BASTOS, 2004, p.92).

Ilust. Área central de Florianópolis na década de 70  
Fonte: IPUF

**Depois da década de 70 Florianópolis teve um acelerado crescimento ao liberar o gabarito de 12 andares e devido o interesse pelas áreas comerciais, e aí se inclui o centro e a área histórica da cidade, ocorreu a uma descaracterização parcial do séc. XVIII e XIX com a demolição das edificações.**

Peluso (1991, p.312) discorre sobre a evolução urbana: “Admitimos que a cidade não permanece a mesma através do tempo. Muda incessantemente de acordo com as variações econômicas e sociais do núcleo urbano no exercício das suas funções, em consonância com as modificações que atingem a sociedade nacional”. “A cidade compõe-se de duas partes que se interpenetram estreitamente: superfícies livres e superfícies construídas” (Levadan, 1936). “A disposição das ruas, praças e edifícios sobre o terreno é o plano urbano, que dá fisionomia à cidade”.

Este traçado evolve (evolui) com o aumento da população e adapta-se às funções urbanas. À medida que o contingente populacional se eleva, novos elementos são adicionados ao plano, notadamente para atender a novas relações que surgem entre seus habitantes em decorrência da elevação do seu número. Será possível, então, distinguir o plano primitivo e as novas disposições nele introduzidas no decorrer da evolução urbana, pois “o plano lembra a idéia diretriz, o esquema mental dos primeiros habitantes, e é também o resultado do crescimento progressivo ou o efeito do remanejamento” (CHABOT, 1940 apud PELUSO 1991, p. 312).

**Para Adams no seu texto: “Permanências, transformações e resgates na cidade de Florianópolis” (BASTOS, 2004) afirma:**

[...] as cidades estão em contínua transformação há elementos que permanecem, outros que se adaptam, se transformam ou são substituídos. Cria-se constantemente outra paisagem. Florianópolis é um cenário em ebulição, com características singulares [...]. (p.87)

**A mudança das relações volumétricas da cidade é marcante. Porém, a chegada à Ilha de Santa Catarina permite vislumbrar um pouco do antigo perfil *skyline* (horizontal) da cidade do século XIX, que mantém como pano de fundo o Morro da Cruz, hoje, destituído de sua outrora exuberante massa vegetal. Mas, em seu entorno imediato, outra profunda mudança ocorre à apreensão visual: o centro histórico, está circundado pela densa e alta volumetria das novas edificações, em sua maioria de 12 pavimentos com perdas substancial da relação de escala. As torres dos templos religiosos, outrora elementos dominantes na paisagem, hoje sucumbem aos edifícios vizinhos que abrigam, sobretudo, funções terciárias (de comércio e serviços). (p.92).**

Para concluir este capítulo a ilustração abaixo, desenho do artista Aldo João Nunes, ilustra com propriedade a mudança e a evolução do tecido urbano na área central da cidade de Florianópolis.

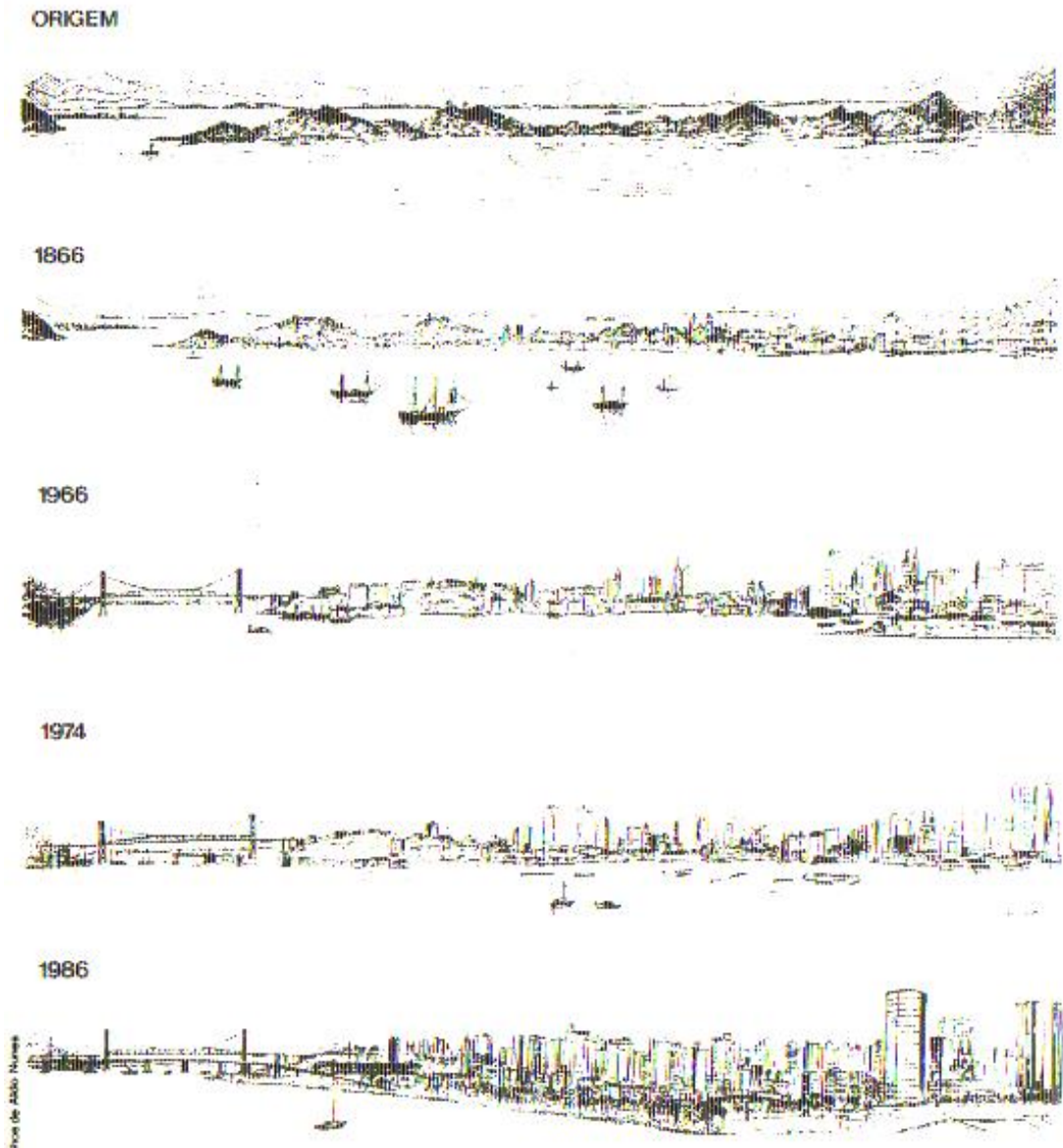


Figura desenho- perfil em épocas distintas para demonstrar a evolução no tecido urbano da área central de Florianópolis

Título: "A Mutação da Paisagem: origem 1866, 1966, 1974 e 1986"

Autor do desenho: Aldo Nunes

Fonte: Perfis da Cidade: Edição Comemorativa do 262 anos de Florianópolis, apud VEIGA,1993, p. 118.